



SOBRE O FUTURO DA UNIÃO EUROPEIA



por **PEDRO DE AVILAZ**

INVESTIGADOR E EDITOR

A crise despoletada na Europa nos últimos 18 meses, e o modo como os Governos dos Países-Membros da União Europeia têm reagido à mesma, num quadro ideológico e de drama económico algo diferente das intenções políticas que informavam a proposta para uma União das nações Europeias, deixa-nos definitivamente descrentes do futuro do projecto Europeu actual, dada a forma algo forçada e pouco democrática como tem sido tratado, sem mesmo abordar aqui o medo dos Governos aos referendos e consultas aos eleitores dos Estados Membros.

Sempre fui um descrente do modelo de Federação, sempre achei que na Europa precisamos primeiro de 100 anos de Confederação... Estudei, trabalhei e vivi 36 anos em vários países da Europa, África e EUA e ainda vivo hoje meio-fora de Portugal. Penso que este facto me permite analisar as nações Europeias com a ajuda de uma vivência e sensibilidade conscientemente adquirida. Gosto muito de vários países Europeus, sempre por razões diferentes... Quanto mais fui vivendo mais me fui apercebendo que as diferenças culturais na Europa são profundas e estamos longe de uma miscigenação dos Europeus. Já as diferentes orientações religiosas na Europa têm cunhos geográficos, históricos e étnicos próprios que apontam para factores condicionantes diferentes que não podem ser despreza-

dos... Este facto faz-nos reflectir sobre a força e a legitimidade das diferenças políticas vividas pelos povos Europeus.

O paralelo com a construção da nação norte-americana não é aceitável, pois os indivíduos que deram o passo da emigração já ultrapassaram voluntariamente as amarras sócio-culturais das nações donde eram oriundos. Na Europa não, ainda estão vivendo dentro dessas amarras e no ambiente sócio-político das nações a que pertencem.

Assistimos atónitos a uma Alemanha e uma França que assumem decidir só entre elas a repartição de sacrifícios e contribuições dos Estados Europeus na resolução da crise de endividamento excessivo dos diferentes Estados Membros.

A Grã Bretanha como sociedade insular que é, tem uma forte consciência da sua personalidade e da segurança da sua cultura própria, protegida pelas defesas naturais de uma Ilha, ainda por cima reforçadas com um passado histórico de sucesso político e económico. Se a necessidade económica os puxa para se aliarem a uma Europa de fronteiras mais largas, para melhor se defender aduaneiramente das pressões da globalização, não querem no entanto abandonar os valores ideológicos e políticos que fizeram a sua grandeza no passado e que em tempo ainda recente tiveram que defender das utopias e ambições das grandes nações Europeias continentais.... O seu empenhamento Europeísta é portanto moderado. Temos que admitir que neste precipitado projecto do Euro tiveram razões para desconfiar. Mais uma vez o pragmatismo venceu o idealismo.

Será que o preço que pagámos com a destruição da nossa agricultura e pescas não foi precipitado? Será que a entrada no Euro não nos retirou flexibilidade na construção de políticas de exportação e de captação de investimento externo? São contas por fazer e agora mais que nunca pertinentes.

O movimento europeísta do após guerra visava amordaçar a Alemanha militarista, gigante industrial centro-Europeu. Mas vemos hoje que afinal o modelo escolhido para a U.E. acabou por entregar à Alemanha o poder que lhe queriam retirar. O modelo de união europeia e particularmente o modelo de união monetária, construído por entusiasmos de funcionários políticos com legitimidade democrática questionável, sem a necessária disciplina fiscal e sem uma regulamentação supra nacional efectivamente imposta, gera desequilíbrios económicos profundos entre os Estados da União. Surpresos, os governos tentam agora impor medidas correctivas dramáticas e tentam acalmar um mercado financeiro mundial descrente do Euro, da solidariedade Europeia e da nossa capacidade para gerar crescimento económico. Os requisitos de correcção, brutalmente impostos pelos Estados disciplinados e grande beneficiários do Euro, aos Estados irresponsavelmente gastadores do Sul, impõem custos económicos e sacrifícios sociais cruéis. Neste cenário de interesses contraditórios e de bem-estar ameaçado, o entusiasmo tradicional dos Europeus por utopias e planos inteligentes esmorece, pondo em causa abertamente a continuação da construção da UE nos moldes actuais.

Nós Europeus não devíamos ter embarcado numa Federação que não resiste aos interesses egoístas das nossas sociedades de paradigma individualista, com nações e grupos sociais com sensibilidades, história, educação e ambições diferentes! Vejo com horror a imaturidade e irresponsabilidade daqueles que neste momento advogam que temos que apressar a fusão das nações numa União Europeia, que nesta fase de vivência social se descobre ser utópica. É um fugir à crise seguindo em frente, acelerando com o pé a fundo no pedal, quando o bom senso aconselharia a uma Confederação de Estados Europeus, com menos ambição de integração imediata, mas com mais oportunidades de criar consensos e com etapas construídas sobre sucessivas e progressivas experiências de trabalho em comum. ■

